UM ALVO PRIVILEGIADO

Ao manusear páginas, sejam as velhas conhecidas de papel que compiladas nas gráficas se nos oferecem em forma de livros, revistas, jornais, ou as que hoje, através de um simples e suave movimento de mão, velozmente deslizam ante nossos olhos na tela do computador, buscamos sempre, pacientemente ou avidamente, a novidade, um furo de reportagem, uma temática inédita ou, para o revés desta, um novo ângulo de abordagem. Ao estamparmos a chamada "Preconceitos" nos distanciamos enormemente de qualquer ineditismo, é verdade, porém nos aproximamos de uma persistente atualidade. E talvez, mais do que isso, abrimos espaço para um mergulho nas intrincadas teias do nosso tecido social.

Duas perguntas nos alçam ao topo do trampolim. Em linguagem cru e nua: Quem é o preconceituoso? Quem é a vítima do preconceito? Muito provavelmente eu e você estejamos preparados para tecer longas considerações acerca da segunda indagação, pois somos tentados a imaginar que estamos imunes à possível pecha da primeira! Para evitar discussão particularizada, alarguemos o "eu e você" para um grande "nós", e se este for sinônimo de "brasileiros", dois textos nos instigam.

E a vítima do preconceito, quem é? A resposta parece não ser difícil - o outro! Mas há outros de todos os matizes. Interessa-nos aqui, particularmente, um outro a quem nos podemos referir como duplamente outro: o migrante. Nos casos aqui enfocados, o outro-outro é constituído por brasileiros em Portugal, kosovares e *rom* na Itália, latino-americanos e gringos no Brasil.

Longe, porém, a postura de um purismo ingênuo. Em última instância, por maior que seja a fragilidade do outro, este também se transforma em um nós. Por isso, no contexto migratório, a construção das identidades coletivas explicita a constância dos preconceitos de um grupo em relação ao outro.

Uma vez envolvidos todos, quer como vítimas, quer como agentes do preconceito, não é exagero repisar que o fato de ser migrante constitui, por si só, alvo privilegiado do preconceito. Esta constatação, porém, soa cada vez mais como uma contradição, dado que o tecido social da sociedade globalizada encontra-se mais e mais amalgamado pela diversidade, pelas diferenças. Entretanto, verifica-se que, além de vítima do preconceito, o duplamente outro pode também ser transformado em objeto de manipulação frente à opinião pública, como tem ocorrido por parte da imprensa italiana em relação aos refugiados durante o conflito no Kosovo. Os que antes eram cunhados como invasores de toda estirpe, repentinamente foram transformados em coitadinhos, clamando por compaixão para, logo em seguida, voltarem a ser perigosos, um problema.

Talvez pouca novidade, mas muita atualidade - é o que nos oferecem os textos a seguir - pois o preconceito grassou e grassa.

Dirceu Cutti